

CLIPPING

28 de Agosto de 2019

O Liberal – Cidades, 05– Atualidades.

FEIRADO LIVRO 2019

Literatura revela a história negra no Brasil

MULTIVOZES - É o que destaca a escritora Conceição Evaristo ao participar do evento

Amãe negra costumava receber da "casa grande" a tarefa de contar histórias para as crianças dos patrões para dormir. Hoje, apesar do racismo, é possível, por meio da literatura de autores negros, como a mineira Conceição Evaristo, 72 anos, serem contadas histórias sobre a realidade dos cidadãos negros no Brasil, levando-os a refletir sobre um cotidiano de lutas por direitos sociais e resgatando a história para muitos negros e brancos no País. Esse foi um dos aspectos abordados por Conceição Evaristo, ontem à noite, no Encontro Literário da 23ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes, no Hangar.

A autora de "Olhos D'Água" e outros livros foi ladeada pela professora e ex-reitora da UFPA, Zélia Amador, fundadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa); pela professora Joana Machado, como intermediadora, e pela secretária estadual de Cultura, Úrsula Vidal. A uma plateia que lotou a Arena Multivozes, no centro da Feira, a professora doutora Conceição Evaristo, ativista do movimento social negro, afirmou ter ficado muito feliz em poder participar da Feira do Livro e constatar o entusiasmo dos jovens e adultos na plateia. A partir da provocação da professora Joana Machado sobre o olhar de Conceição acerca da realidade brasileira, com base em trecho de

"Olhar D'Água", Conceição afirmou que apesar da "loucura, incoerência e insensatez, seu olhar "é de esperança para nós, negros, e não negros compromissados com a luta por um Brasil mais democrático".

"A nossa vivência pretende barrar essa imagem relacionada

"Escrevemos sobre o que queremos abordar, o que pensamos, sob a perspectiva de uma mulher negra"

à mãe preta, cuja palavra era objeto de mando na casa grande; escrevemos sobre o que queremos abordar, o que pensamos, sob a perspectiva de uma mulher negra", ressaltou Conceição, que enalteceu a luta pela cidadania negra no Pará, inclusive, chamando Zélia Amador de "mana". A autora destacou que recebeu críticas de que aborda memórias em seus livros, fala de si nas obras ("escrita narcísica"). Sobre esse assunto, afirmou que o médico e escritor Pedro Nava é considerado um grande memorialista na literatura brasileira, mas um negro não pode

escrever memórias. "Esse espelho de Narciso nunca mostrou a nossa identidade; nunca fomos considerados belos, nós, mulheres, sabemos sobre a visão que se tem sobre nossos cabelos, bocas e corpos", disse. "É bom contemplar os abebes de Oxum e Iemanjá", acrescentou.

A autora chamou a atenção do público de que a literatura lida com o emocional e aí, muitas vezes, consegue sobrepujar o olhar histórico da realidade. Conceição observou que, no Romantismo, o autor José de Alencar em "Tracema" e "O Guarani", por meio de personagens indígenas como mitos ensaja estereótipos do bom selvagem, ou seja, a predominância do branco sobre o índio (mestiçagem). Conceição ressaltou que o negro não figura nesse contexto do Romantismo. Já no Modernismo, como disse, a obra "Macunaíma", de Mário de Andrade, o herói negro toma banho e aparece louro e de olhos azuis do outro lado do rio, ou seja, trabalha-se o conceito de esbranquecimento da nação como algo, inclusive, inconsciente. "A literatura cria pensamentos e posturas", alertou a autora. Sobre a literatura produzida por autores negros no País, Conceição afirmou que "a literatura tem sido o lugar de fundação", como espaço para que a afro-brasileiros possam se reconhecer".